



Exu e as Encruzilhadas

Diálogos com a Clínica Psicanalítica

Alba Lúcia Bastos Dezan



INM Editora



Alba Lúcia Bastos Dezan

EXU E AS ENCRUZILHADAS
DIÁLOGOS COM A CLÍNICA
PSICANALÍTICA



INM Editora

Alba Lúcia Bastos Dezan

EXU E AS ENCRUZILHADAS
DIÁLOGOS COM A CLÍNICA
PSICANALÍTICA



INM Editora

Copyright © 2026 Alba Lúcia Bastos Dezan
Copyright © 2026 INM Editora

Todos os direitos desta edição são reservados à INM Editora. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida, seja por meio impresso ou digital, sem a permissão prévia da INM Editora, de acordo com a Lei Nº. 9.610/98. Foi realizado o Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional, de acordo com a Lei Nº. 10.994, de 14 de dezembro de 2004 e a Lei Nº. 12.192, de 14 de janeiro de 2010.

Editor: Sergio Gomes

Revisão Ortográfica: Alba Lúcia Bastos Dezan

Revisão Técnica e Preparação do Texto: Sergio Gomes

Capa e Diagramação: Larissa Aiko Tanahara

Marketing: Diogo Robassini

Gerente Comercial: Anderson Pedrosa

Gerente Administrativa: Camila Cardozo

Estagiário: Ryan Aranha

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, 5ª. Edição do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, Academia Brasileira de Letras, de março de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP):

INM Editora

Avenida Paulista, 326 - Sala 41 - Bela Vista

São Paulo-SP - CEP: 01307-002, Tel.: (11) 5026-7748

contato@inmeditora.com.br

inmeditora.com.br

Instagram: @inmeditora

Facebook: /inmeditora



Ao meu tato, Amaro Bastos Renner.
A sua luta pela libertação do nosso povo abriu
os caminhos para que eu estivesse aqui hoje.
É por você.
É para você.
É graças a você.

AGRADECIMENTOS

Sergio Gomes, amigo irmão com quem a vida me presenteou. Obrigada por sempre acreditar em mim, por me incentivar, por nunca desistir de mim, mesmo quando eu mesma não acreditava.

Thamy Ayouch, amigo que o Universo me deu. Obrigada por acreditar em mim, por me escutar, por compartilhar de forma tão generosa o seu conhecimento. Obrigada pelas conversas, pelos espumantes, pelas risadas juntos! Obrigada, principalmente, por ter sido o primeiro a de fato me ver como uma mulher negra.

Edson, meu marido amado, obrigada por compreender minhas ausências, as madrugadas insones e os finais de semana à frente do computador, na companhia dos livros. Obrigada por se acostumar com os livros espalhados por todos os cantos da casa.

Nilton, obrigada pelo carinho, pela amizade, pelas leituras compartilhadas, pela inspiração! Obrigada pelo samba naquela sexta-feira, no Rio de Janeiro, quando “descobrimos” juntos o tema daquela palestra que vem a ser o primeiro capítulo deste livro.

Minhas amigas tão queridas! Que sorte a minha ter vocês na minha vida! Daniela, obrigada por acompanhar, torcer e vibrar em cada etapa deste projeto desde o início dele. Laynara, obrigada pelas trocas tão preciosas, pelas partilhas sobre a espiritualidade que nos atravessa tanto quanto a Psicanálise. Ana Paula Morais, obrigada pela companhia constante em quase todos os eventos que construíram este livro! Saber que você estaria sempre lá era saber que o afeto estaria presente juntamente com seu sorriso e isso me dava forças para estar ali! Weyda e Sandra Palma, vocês torceram como ninguém para que este livro saísse antes que ele se tornasse um sonho para mim mesma. Pois o sonho agora se realizou!

Isa, obrigada pela escuta testemunhal. Poder falar sobre coisas tão viscerais na presença de quem eu sabia que me escutava permitiu que eu pudesse integrar os mais diversos aspectos da minha própria negritude e me permitiu chegar até aqui. Ainda há um caminho para percorrer, mas muito já foi percorrido.

Meu agradecimento especial ao mundo espiritual: aos Orixás que me sustentam, que abrem os meus caminhos, que me cercam e cuidam; aos ancestrais que vieram antes, lançaram as pedras que permitem o meu caminhar e permanecem velando por mim.

quem tem medo da palavra
NEGRO
quando ela não ultrapassa
as páginas do dicionário e
do livro de História?

quem tem medo da palavra
NEGRO
quando ela está estática ou
cercada por outras palavras
nas páginas policiais?

quem tem medo da palavra
NEGRO
se transformam em:
moreno mulato
qualquer coisa bem perto de
qualquer coisa quase
branco?

quem tem medo da palavra
NEGRO
se quando eu digo
faz silêncio?

quem tem medo da palavra
NEGRO
que eu não digo?

quem tem
medo da
palavra
NEGRO

quando ela não faz pessoa:
carne osso e fúria?¹

¹ Prates, Lubi. Um corpo negro. São Paulo: Nosotros, 2019. p. 49-50.

Sumário

PREFÁCIO	13
INTRODUÇÃO	19
I. Exu e as encruzilhadas: <i>A cultura negro-africana enquanto uma possibilidade epistêmica em diálogo com a clínica psicanalítica</i>	27
II. O Eu Ideal e o Ideal do Eu	37
III. Racialidade e Psicanálise: <i>Diálogos com Kabengele Munanga e Winnicott</i>	53
IV. D. W. Winnicott e Roland Barthes: <i>Transicionalidade, Prazer e Movimento na companhia de Um defeito de cor e de Água de barrela</i>	73
V. Falando Pretuguês no Divã: <i>Rabiscos sobre Psicanálise, Racialidade e Negritude na companhia de Lélia Gonzalez</i>	83
VI. Como o letramento racial atravessa as nossas interações sociais	103
VII. Relações raciais e sofrimento psíquico: <i>Um olhar psicanalítico sobre as consequências do racismo</i>	117



**VIII. A Clínica do Testemunho na
escuta de pacientes negros:** 135

*A escuta que faz laço, que humaniza,
que permite o Ser.*

**IX. Criatividade, *setting* e manejo da
racialidade na clínica psicanalítica** 149

X. Família e Racialidade: 159

Pertencimento e Construção da Identidade Racial

**XI. Sonhar o futuro com a
ancestralidade que nos atravessa** 177

XII. (Re)Descobrir-se: 191

Sendo uma Mulher Negra no Brasil

XIII. Diferenças que nos unem 209

XIV. Psicanálise e Racialização: 223

Diálogos Possíveis e Necessários

**XV. “Permita que eu fale e não
as minhas cicatrizes”:** 235

*A escuta do indizível ou Como ser continente
daquilo que nunca pôde ser dito.*

**XVI. “Ano passado eu morri, mas
esse ano eu não morro”:** 251

*No entrelace entre passado e presente,
a possibilidade de escrever e viver a própria história*

REFERÊNCIAS 269

POSFÁCIO 283

PREFÁCIO

Que se abram os caminhos!

Na filosofia dos orixás, as divindades que fazem parte da ancestralidade africana sempre estiveram presentes desde a nossa “exploração” (em oposição à ideia de colonização). Os orixás são divindades cujos princípios organizam a vida, a natureza, nosso corpo, nossa relação com o mundo e nosso destino rumo ao futuro. Cada um dos orixás representa um conjunto de forças da nossa existência como movimento, justiça, cura, transformação, maternidade, guerra, paz, fecundidade, comunicação e equilíbrio. Cada um deles modula a nossa relação com o céu, as árvores, as águas, as matas, o ar, o fogo, enfim, nossa relação com os elementos da natureza. Assim, sai de cena um deus todo poderoso, com características fenomênicas da religiosidade judaico-cristão, criador do céu e da terra, um déspota vingativo e entra em cena o mundo subjetivo com o qual todos nós convivemos e não percebemos. Trata-se, em algumas palavras, de uma relação com a nossa *ancestralidade*, com nossas *forças vitais*, com o nosso *equilíbrio entre o mundo do lado de cá e o mundo do lado de lá*. Nessa visão de mundo, o que existe é uma busca pelo equilíbrio de forças orquestradas pelos orixás. Senão vejamos.

Ogum, ligado ao ferro, à técnica, à guerra, à ação e à

perseverança, representa a capacidade de abrir as trilhas, a luta e a nossa capacidade de enfrentar todos os obstáculos. *Oxossi*, ligado à caça, à fartura, ao conhecimento e à precisão, simboliza o foco, a estratégia, a sobrevivência e a sabedoria ligado à natureza. *Xangô* é o orixá da justiça, dos trovões, da autoridade e do equilíbrio entre o poder e a responsabilidade, simbolizando o julgamento, a firmeza e o senso ético. *Iansã/Oyá*, por sua vez, é a orixá que representa a força dos ventos, da tempestade, dos movimentos bruscos, o domínio sobre os espíritos e as transformações, além da coragem e da transição; além disso *Iansã/Oyá* também é responsável pela condução dos espíritos ao Òrúm — o mundo espiritual. *Oxum* está ligada às águas doces, à beleza, ao afeto, à fertilidade, ao cuidado e à diplomacia, simbolizando a sedução e a intuição. *Iemanjá*, a grande mãe das águas salgadas, representa a maternidade, o acolhimento, a profundidade emocional e simboliza o amparo e a continuidade da vida. *Omolu/Obaluaiê* representa a doença, mas também a cura, o silêncio e também a passagens entre a vida e a morte, simboliza o sofrimento, o limite, a compaixão e a igual transformação da vida e da morte. *Nanã*, um dos orixás de maior representatividade na espiritualidade africana, está ligada à lama primordial que faz com que todos nós passemos a nascer do seu barro; representando a ancestralidade, o tempo profundo e o retorno às origens do barro do qual viemos; ela simboliza a Grande Mãe, com sua sabedoria, sua maturidade e o seu ciclo de vida. *Oxalá* representa a criação, a paz, a clareza, a serenidade, o princípio organizador da existência. *Ossain*, o orixá das folhas, das ervas medicinais e do conhecimento das plantas e representa a cura, o segredo, o poder da natureza. *Obá*, orixá que simboliza a força, a lealdade, a estratégia, o sacrifício, mas também a resistência e a

dignidade. *Logunedé*, orixá da delicadeza, da abundância, da fusão dos opostos e da beleza do transitório. *Exu*, o grande orixá da comunicação, do movimento, da passagem, da abertura dos caminhos, mensageiro e guardião das travessias e da ambiguidade; é aquele que faz com que a comunicação aconteça, que liga e desliga (*objetaliza e desobjetaliza, vincula e desvincula*), que permite a passagem, introduz o movimento, o encontro e as trocas, e, sobretudo, representa o trânsito entre os mundos.

É exatamente este o orixá que se encontra no título do primeiro livro da psicanalista Alba Lúcia Bastos Dezan, o qual o leitor agora tem em mãos: *Exu e as encruzilhadas: diálogos com a clínica psicanalítica*. Não à toa, Alba Lúcia, amiga e irmã de coração, tece um arranjo dos mais inventivos e mais originais na escrita psicanalítica e da diáspora africana, aliando a força dos orixás, da ancestralidade, da espiritualidade com a clínica psicanalítica. É também por meio da diáspora negra e dos estudos sobre racialidade e do sujeito racizado, que se tornou essencial esses assuntos no estudo da psicanálise na contemporaneidade, aquilo que Alba traz para o debate nas teorias do psicanalista e pediatra inglês Donald W. Winnicott. Mas o leitor não se engane pois ele também encontrará presente nestas páginas em autores consagrados na literatura psicanalítica e não psicanalítica como Franz Fanon, Sueli Carneiro, bell hooks, Grada Kilomba, Kabengele Munanga, Lélia Gonzales, Isildinha Baptista Nogueira, Virgínia Bicudo, Thamy Ayouch, e muitos outros, para criar uma abertura de caminhos para a tese que a autora sustenta: *o corpo negro, em si, tem alvo certo: a própria pele*. Alba Lúcia afirma com veemência que há um alvo nas costas de todo o sujeito negro, e que balas perdidas acertam justamente esse alvo, nunca o corpo de um homem branco ou uma

mulher branca. Daí a importância da figura de Exu em franco diálogo com a psicanálise.

O orixá sustentado pela autora, não por acaso, também tem grande influência no que se refere à linguagem, à palavra, ao signo, aos mal-entendidos e à interpretação, uma vez que ele mostra que toda mensagem pode ser desviada ou extraviada, todo sentido pode ser interpretado, toda a verdade dependerá do contexto, toda comunicação não é e nunca será neutra. Também, não é à toa, que o desenvolvimento do pensamento da autora acompanha, por meio do jogo, da criatividade, do improviso e da inteligência ou saúde psíquica, as teorias das relações de objeto. Isto é percebido quando Alba chama a nossa atenção para o brincar (movimento) e o jogo (de rabiscos). Exu não tem uma realidade parada, estática, neutra. Exu é eminentemente transformação, é ele quem faz circular a palavra, é ele quem dá movimento à vida. É ele quem mostra as bifurcações que nós encontramos diante do nosso destino e, portanto, a proposta do diálogo com a psicanálise pontuada por Alba Lúcia.

E por que a ênfase na encruzilhada, ressaltada no título deste livro? Porque a encruzilhada representa, na ancestralidade dos orixás, as escolhas que fazemos, os movimentos que construímos, os riscos que assumimos, as decisões que tecemos, a ênfase da multiplicidade dos caminhos que podemos percorrer. Portanto, a encruzilhada não se constitui um lugar físico, mas um lugar psíquico, um lugar simbólico, um símbolo do momento em que o sujeito precisa se posicionar diante das possibilidades da vida. A encruzilhada é, nesse sentido, um lugar de força, de poder e tomada de consciência de que nada está totalmente resolvido, tudo pode mudar. Trata-se de uma metáfora ontológica e que introduz a existência de todo o ser humano com seu passado, seu presente e seu



A escrita se abriu pedindo licença a Exu; finaliza-se do mesmo modo: não com uma síntese, mas uma passagem, um furo na língua, um neologismo tomado de empréstimo a uma canção e endereçado ao/a leitor/a como sinal de uma escrita própria, emancipada, assumida. Que um livro de psicanálise comece por um pedido de autorização — não ao pai, não ao mestre, nem a uma escola de psicanálise, mas ao Orixá que abre e fecha passagens — já exprime algo essencial sobre o gesto que aqui se inaugura: o de deslocar o centro a partir do qual a teoria e a clínica psicanalítica têm sido, até hoje, majoritariamente pensadas. E que a última palavra seja um verbo inventado diz tudo da inventividade linguística, conceitual, e afetiva que esses textos propõem. “Africanar-se” não é chegar a um destino: é o gerúndio de um movimento que a encruzilhada torna, estruturalmente, interminável — um verbo que Exu continua conjugando a cada dia.

Thamy Ayouch

A encruzilhada representa, na ancestralidade dos orixás, as escolhas que fazemos, os movimentos que construímos, os riscos que assumimos, as decisões que tecemos, a ênfase da multiplicidade dos caminhos que podemos percorrer. Portanto, a encruzilhada não se constitui um lugar físico, mas um lugar psíquico, um lugar simbólico, um símbolo do momento em que o sujeito precisa se posicionar diante das possibilidades da vida. A encruzilhada é, nesse sentido, um lugar de força, de poder e tomada de consciência de que nada está totalmente resolvido, tudo pode mudar. Trata-se de uma metáfora ontológica e que introduz a existência de todo o ser humano com seu passado, seu presente e seu futuro, ou dito em outras palavras, com a sua própria ancestralidade.

Sergio Gomes

